



ASSATA SHAKUR

JORNAL DA CAMPANHA REAJA OU SERÁ MORTA, REAJA OU SERÁ MORTO - Nº 01 - JUNHO DE 2016 - BRASIL - R\$ 3,00

11 ANOS DA CAMPANHA REAJA

QUILOMBO FAVELA RUJA CADEIA

**O GENOCÍDIO É A EXPRESSÃO
MAXIMA DO ÓDIO** PÁG 02

**NINGUÉM AQUI TÁ DORMINDO:
11 ANOS DA REAJA** PÁG 03

**TERRORISMO POLICIAL E MATANÇA
NO INTERIOR DA BAHIA** PÁGs 04 e 05

**A IMPORTÂNCIA DE ASSATA E A
CARTA DO COMPLEXO PRISIONAL** PÁG 06

**ABOLIR AS GRADES: SOBRE A
AUDIÊNCIA PÚBLICA DA ASFAP** PÁG 07

**AS PRISÕES DERAM CERTO PARA
SOCIEDADE RACISTA** PÁG 08

EDITORIAL

POR HAMILTON BORGES WALÊ

O Assata Shakur, imprensa preta, comunitária, pan-africanista e de combate está mais uma vez nas ruas, 11 anos da Campanha Reaja, 10 anos da Associação de Familiares e Amigos de Prisioneiros e Prisioneiras do Estado da Bahia (ASFAP-BA), nesse número vamos navegando pelas ideias e ideais pan-africanistas. O que nos serve, nos basta e liberta é o autoconhecimento de nossa africanidade e nosso amor por nosso povo, convertido em serviço comunitário e luta cotidiana para abolir de vez com a escravidão que se alicerça e permanece nas franjas cruéis do sistema prisional, nos linchamentos cotidianos de nossa gente pelas cidades brasileiras, na humilhação de existirmos “sem sermos”, perseguindo um reconhecimento que não teremos de uma sociedade construída nos domínios do supremacismo branco. Triste ver lideranças se apagando, sendo desconsideradas no campo político em que aderiram sem crítica, sem projeto e sem se darem um maior valor que um cargo, uma foto com a presidenta e uma viagem ao exterior para apresentar o valor de se tomar por lá uma caipirinha. Continuam mendigando atenção e reivindicando, quando o que deveriam fazer é exigir e tomar o que nos pertence.

Não tá fácil e por isso convocamos a própria Assata Shakur, para falar sobre o empreendimento industrial carcerário e suas relações com o sistema de supremacia branca e ódio anti-negro em que estamos mergulhados e mergulhadas, Assata assinando uma matéria escrita em 1998, numa feliz tradução de Gilza Marques, para nós é um luxo. Direto do Texas (EUA) Christien Smith escreve sobre a própria Assata Shakur e revela a nossos leitores e leitoras porque essa mulher maravilhosa e corajosa é nossa inspiração e batiza nosso jornal.

Aganju Shakur, nos mostra as entranhas do supremacismo branco direto das viaturas da polícia militar, do fundo das delegacias da polícia civil baiana, do topo dos morros, do meio do mato. Nossa resistência se ergue e o remédio que apresentamos é trabalho comunitário, não é uma solução fácil como se apresenta nos workshops das ONGs, como as que foram inventadas pelo governo após a tragédia do Cabula. Entidades negras que servem ao senhor branco genocida, criadas para gerar confusão entre nosso povo, servem de anteparo às incursões letais do governo e depois aparecem com roupas perfumadas, tombamento e cestas básicas desviadas de alguma

emenda parlamentar.

Nessa edição a luta antiprisional é o centro de nossa reflexão. A ASFAP-BA, núcleo avançado da Campanha Reaja, quebrou o silêncio mais uma vez e saiu às ruas, se articulou nacional e internacionalmente para revelar o caráter neocolonial das prisões baianas, a continuidade da escravidão que silencia as principais instituições de direitos que deveriam falar algo, a covardia que é regra nessas instituições que poderiam fazer alguma diferença. Prevemos um boicote de um setor de negros acomodados no governo, no judiciário, na defensoria, eles só não conhecem as ruas, mas protegem a casa grande como se fosse suas próprias vidas.

Em texto didático e rico em detalhes Gabriel Swahili nos dá um panorama histórico do pan-africanismo numa seção permanente que teremos para que possamos difundir nossa matriz política e ideológica, baseada no nacionalismo preto. Sejam bem vindas e bem vindos as páginas do Jornal Assata Shakur, aqui é imprensa negra de combate, sem cabresto e sem se dobrar ao supremacismo branco. Rumo à IV Marcha Internacional Contra o Genocídio do Povo Negro e ao II Encontro de Formação e Organização Pan-africanista.

Q GENOCÍDIO É A EXPRESSÃO MÁXIMO DO ÓDIO À NOSSA ASCENDÊNCIA AFRICANA POR GILZA MARQUES

No dia 7 de março de 2016 a Campanha Reaja ou Será Morta/o realizou na Comunidade Vila Moisés o TRIBUTO AOS JOVENS HOMENS NEGROS, em memória dos nossos irmãos executados pela Polícia Militar do estado da Bahia durante a já internacionalmente conhecida “Chacina do Cabula”. A ação contou com a presença de familiares, representantes da Campanha Reaja de várias partes da Bahia, do Brasil e dos Estados Unidos, além de entidades parceiras e apoiadores. O evento teve transmissão ao vivo via rádio web para todo o Brasil e o mundo.

Dentre as atividades realizadas tivemos: café da manhã comunitário, biblioteca itinerante, oficina de abayomi, lançamento do jornal Assata Shakur, trançado de cabelo, aula aberta sobre pan-africanismo e princípios do kwanza, culto ecumênico, bem como apresentações de rap dos grupos Nova Era, Maus Elementos e DJ Gugui. Além de manter viva na memória as mortes perpetradas pelo Estado Racista Brasileiro e cobrar a federalização do caso, o objetivo do tributo foi, também, levar atividades culturais africano-referenciadas para uma comunidade propositalmente esquecida pelo poder público e pelos ativistas festivos.

A ação na Vila Moisés foi só mais uma das dezenas de ações culturais comunitárias extra e intra-muros feitas pela Campanha Reaja em todo Brasil. Elas visam acalantar, agregar, demonstrar apoio a famílias

devastadas pelo genocídio, pela fome, pela miséria, pela privação de liberdade, chamando atenção do povo preto para o real motivo pelo qual somos os alvos principais do Estado racista brasileiro: a nossa ascendência africana.

No âmbito de nossa luta pan-africanista, toda pessoa preta, em qualquer lugar do mundo, é africana (como já cantou Peter Tosh). O entendimento de que o racismo, esse ódio à pele preta, estrutura as sociedades contemporâneas é fundamental para compreendermos porque são os pretos, e nenhum outro povo, aqueles que ocupam as posições mais degradantes na escala social: os piores empregos e os mais baixos salários, os majoritariamente afetados por epidemias (como dengue e zika), aqueles que tem as piores moradias, menor acesso a água potável e rede de esgoto, os que penam na fila do SUS.

Os filhos da África vivem aqui em estado de colonialismo interno, como estrangeiros. Usar um capuz, andar de moto, uma roupa mais larga, são atitudes suspeitas somente se a pessoa tem a pele preta. Os policiais, capitães do mato modernos, são treinados pelos seus instrutores brancos a ver os filhos da África como inimigos. A supremacia branca, de direita ou de esquerda, nos vê como perigos, porque sabe que somos maioria da população no Brasil e que o poder preto é inextinguível.

Africanos, sim, porque descendemos de povos

arrancados de terras africanas e fomos violentamente espalhados por toda a terra, no maior crime da história da humanidade. Durante grande parte da história do Brasil, as pessoas de pele preta não eram consideradas brasileiras e a elite branca deste país foi responsável pela compra da maior parte dos seres humanos forçosamente retirados da África. Quando termina a escravidão, é necessário inventar uma identidade nacional brasileira que nunca incluiu os africanos e seus descendentes aqui nascidos. A supremacia branca nos odiou durante a escravidão e nos odeia agora. É por isso que ela nos mata. O genocídio é a expressão máxima do ódio à nossa ascendência africana.

A Campanha Reaja segue na sua empreitada contra o genocídio do povo preto-africano. Articulada nacional e internacionalmente denunciaremos as atrocidades, atuamos nas comunidades, presídios e quilombos, bradamos nossa força e convocamos a todos aqueles que lutam verdadeiramente contra o genocídio que se unam a nós.

Por Adriano, Jeferson, João Luís, Bruno, Vitor, Thiago, Caique, Eveson, Agenor, Natanael, Ricardo, Rodrigo, e por todos os 100 milhões de homens e mulheres preto-africanos que pereceram nas mãos do Estado racista de supremacia branca, lutamos. Até o dia que Zumbi voltar. Até o dia da nossa libertação.

NINGUÉM AQUI TÁ DORMINDO!

11 ANOS DE LUTA PAN-AFRICANISTA DA REAJA

POR GABRIEL SWAHILI

O Pan-africanismo é, antes de tudo, o esforço comum do povo negro do mundo em torno de sua autodeterminação e autodefinição. Ele é concebido tanto como um conjunto de práticas e teorias construídas por nós visando a nossa total libertação, quanto como a busca das referências para o caminho que trilhamos em nossa própria tradição de lutas. Assim, sua linhagem pode ser rastreada até os antigos sistemas de valores africanos - conforme explicam os ensinamentos de Cheikh Anta Diop sobre a "Unidade Cultural da África Negra" -, bem como até as confederações étnicas construídas no enfrentamento às agressões estrangeiras, sejam no Continente - as alianças Kushito-kemita (Núbio-egípcia), Mandinga e, sob a liderança da Rainha Nzinga, Iimbangala - ou na Diáspora - o quilombo Ngola Djanga (Palmares), o palenque Saramacca, o maroon de Rainha Nanny da Jamaica, a revolução Haitiana, a rebelião de Nat Turner, o levante Malê, os Filhos de África (uma associação abolicionista fundada por africanos como Ottobah Cugoano e Olaudah Equiano) e o esforço do líder militar afro-americano Martin Delany e lideranças tradicionais de Abeokuta pelo movimento de retorno à África -, para citar poucos exemplos.

Como expressão organizada, o Pan-africanismo surge em fins do século XIX, a partir das proposições de Edward Blyden - intelectual afrocaribenho repatriado na Libéria - e ganha fôlego com o surgimento da Associação Pan-Africana, em 1897, criada pela sul-africana A. V. Kinloch e pelos afrocaribenhos de Trindade e Tobago, Henry Sylvester-Williams e Mzumbo Lazare. É a Associação Pan-Africana que vai, em 1900, realizar a primeira Conferência Pan-Africanista em Londres, dando origem a uma série de encontros que iriam impulsionar a luta anticolonial e articular as lideranças das independências africanas dos anos 1950 e 1960, tais como Kamuzu Banda (Malawi), Kwame Nkrumah (Gana), Jomo Kenyatta (Quênia) e Nnamdi Azikiwe (Nigéria). Em seu desenvolvimento, o Pan-africanismo apresenta diferentes movimentos e abordagens, que vão desde o pragmatismo econômico de Booker T. Washington (ex-escravizado dos Estados Unidos que construiu uma escola técnica com o objetivo de garantir autonomia financeira para a comunidade negra), passando pela luta por direitos civis e integração de W.E.B. DuBois (cientista político, sociólogo e historiador dos Estados Unidos, primeiro negro a receber um PhD em Harvard, que retomou os Congressos Pan-africanos em 1919), até a reconstrução nacional e renascimento cultural africanos propostos por Marcus Garvey (líder político, editor, jornalista e empresário da Jamaica, que estabeleceu as bases do nacionalismo negro no séc. XX).

Após conhecer a realidade de miséria imposta às pessoas negras em todas as Américas, Marcus Garvey começou a se perguntar: "Onde está o governo do homem negro? Onde está o seu rei e reino? Onde está o seu Presidente, o seu país e embaixador, o seu exército, sua marinha, os seus

grandes homens de negócio? E como não consegui encontrar, então declarei: Eu ajudarei a criá-los!". Síntese de diversas experiências anteriores, o pan-africanismo de Garvey unificou o povo negro ao redor do mundo através da UNIA-ACL - Associação Universal para o Progresso Negro e Liga das Comunidades Africanas -, organização com dezenas de milhares de pessoas, presente em dezenas de países. O historiador C.L.R. James aponta a força das realizações Garveyistas e da UNIA-ACL:

"Quando você leva em conta a escassez de seus recursos, as vastas forças materiais e concepções sociais circundantes que automaticamente procuraram destruí-lo, a sua realização continua sendo um dos milagres de propaganda deste século. Garvey encontrou a causa das pessoas de ascendência africana não apenas negligenciada, mas como indigna de qualquer consideração. Em pouco mais de meia década, ele a tornou uma parte da consciência política do mundo."

Os fundamentos estabelecidos por Garvey através da UNIA são de autonomia do povo negro em todos os níveis, especialmente: 1) autogoverno, através do controle de nosso próprio território e nossas próprias instituições; 2) autodefesa, através do controle de nossos corpos, de nossas próprias forças e armas; 3) autossustentabilidade, através do controle de nossa economia - produção, distribuição, consumo e investimentos; 4) autoconhecimento, através do controle de nossas tradições espirituais, da produção de saberes, do estudo de nossa história e do desenvolvimento tecnológico. Reafirmados por Assata Shakur e a República de Nova Afrika, esses são os quatro pilares sobre os quais devemos organizar, em nossos próprios termos, o poder de definir o nosso destino. E, mais do que simplesmente admirar, precisamos retomar o programa social e político de reconstrução africana iniciado por Marcus Garvey, adaptá-lo às nossas condições atuais e concluí-lo. Esta é a meta e a prática da Campanha Reaja.

São, agora, mais de 11 anos desde que começou a articulação do que viria a ser a "Campanha Reaja ou Será Morto, Reaja ou Será Morta". O cenário de mortandade do nosso povo era o mesmo, apesar do clima pra muita gente na "cena negra" ser de esperança. Afinal, um governo "à esquerda" tinha recém assumido a esfera federal e tínhamos encampado uma pequena vitória com a aprovação das Cotas, quase ninguém queria politizar nossa morte, nosso sangue. A onda já eram os coquetéis, os prêmios, os projetos... mas após uma intensa articulação entre organizações, a Campanha realizou seu primeiro ato, em 12 de maio de 2005. Viramos a noite numa Vigília pelo povo preto.

A Reaja nasceu nas ruas, do fundo de uma cela, dos corres, e vem de uma longa tradição de luta negra. Desde sua origem tem sido uma campanha combativa, e conseguiu retomar a questão do nosso genocídio como parte central de nosso esforço político. Além do CONTEÚDO - enfrentar o genocídio do povo preto -, a Reaja também pautou a FORMA como o chamado

"Movimento Negro" vinha atuando: quando a moda era pensar na luta preta como sinônimo de montar ONGs, captar projetos, eleger mandatos, realizar festivais, conseguir títulos acadêmicos e cargos vendendo a carne e a alma de nosso povo, a Campanha Reaja mostrou na prática que é possível atuar além da conjuntura, nas linhas de frente de nossa sobrevivência. Isso não é pouca coisa. Especialmente em meio a um crescente aparelhamento dos chamados movimentos sociais pelos partidos, mandatos, fundações, governos. Nenhuma perfumaria de "igualdade racial" conseguiria esconder a catanga do amontoado de corpos tombados diariamente em nossas comunidades. É mérito da Reaja ter minimizado os estragos dessa cooptação; o quadro hoje poderia estar bem pior. Até então, morte não vendia projetos nem garantia cargo comissionado nos governos, secretarias e gabinetes. Infelizmente, a máquina de moer corpos negros já se adaptou... e hoje o que não falta é gente lucrando com a "Indústria do Genocídio".

A Supremacia Branca busca não apenas nos violentar, mas também controlar nossa reação a essa violência. À medida que a nossa luta de libertação, nossa autonomia organizacional e independência mental avançam mais e mais desvios são plantados entre nós. Buscam capitalizar nossa morte, ao mesmo tempo em que lucram simulando o enfrentamento ao genocídio negro; se o Pan-africanismo de ontem não era "científico", baseava-se numa "África mítica" ou não era "revolucionário o suficiente", hoje o Vermelho, Preto e Verde, as cores do Pan-Africanismo, colorem cada encenação que montam como forma de abafar a Ira Negra. Quem antes rejeitava toda a tradição africana em nome de suas teorias e credos políticos europeus, hoje se adianta em disputar o Pan-africanismo dizendo que, em sua forma mais básica, é a doutrina de unidade entre todas as pessoas de origem africana no mundo. Fala que tá tudo junto e misturado, quando por trás tá conspirando com o inimigo. Ninguém aqui tá dormindo, Malcolm X nos ensinou que "por todos os meios necessários" não é por qualquer meio.

São 11 anos de Campanha Reaja e a lição é de que os caminhos se fazem caminhando, com os erros e os acertos. É como diz aquela canção de guerra: "Dentro do eixo, fora do eixo, dentro do eixo, Exu!"... a rua é a contradição, e tá aí pra isso. Assim como a Vigília realizada pela Campanha Reaja em 12 de maio de 2005 foi um momento de virada para a luta negra no Brasil, no ano de 2015 o I Encontro de Formação e Organização Pan-africanista - no bojo da III Marcha (Inter)nacional contra o Genocídio do Povo Preto -, representou a busca por um novo patamar em nossa mobilização como povo preto permanentemente se organizando. Nosso Pan-Africanismo - Quilombista, comunitário, Garveyista - é de unidade através da ação. E unidade na ação quer dizer que temos como primeiro critério o servir ao nosso povo.

Ninguém aqui tá dormindo! A Vigília que começamos em 12 de maio de 2005 permanece.

TERRORISMO POLICIAL E MATANÇA DE JOVENS HOMENS NEGROS NO INTERIOR DA BAHIA

POR AGANJU SHAKUR



«Quero aqui em público, poder passar esse áudio para a Bahia toda e para o Brasil, externar o prazer que é comandar uma tropa como é a do Pelotão de Emprego Tático Operacional, popularmente chamada na região do recôncavo como Tático Móvel da 27^a.

Essas guarnições, esse pelotão dá tesão a qualquer comandante sair por aí dizendo 'eu comando o Tático Móvel', é o orgulho da 27^a, é orgulho do Recôncavo, é orgulho da Bahia comandar esse pelotão. Avante Guerreiros! Botou de frente, pau, pau e pau, descarrega tudo, depois a gente briga com o subtenente Erivelton e bota os cartuchos no lugar, porque ele fica 'retado' quando a gente gasta, mas é pra gastar mesmo e a partir de agora gastar botando no peito ou na cabeça, puxou a arma, atirou na gente é pau, arranca a cabeça.

Deixa Ministério Público reclamar, deixa para o Juiz reclamar, deixa todo mundo reclamar, deixa a imprensa. Normal tem que ser o bandido morrer e não um policial, que se lasque todo mundo que não gostou do que eu estou falando. Quem está falando aqui é o tenente Suzart, à dispor de quem quiser achar ruim.» **Tenente do Pelotão de Emprego Tático Operacional no Interior da Bahia**

Há 11 anos a Campanha Reaja ou Será Morta/o tem se dedicado e destacado na luta transnacional contra o racismo, o neocolonialismo e o genocídio do Povo Negro, onde tem reivindicado os Programas de Serviços Comunitários como principal estratégia no enfrentamento ao Genocídio do Povo Negro no Brasil; especificamente em suas formas mais diretas: o assassinato em massa de jovens negros e o encarceramento em massa do nosso povo. Nossa organização tem consolidado intrincados canais subterrâneos de enfrentamento e monitoramento comunitário da brutalidade policial, que tem articulado; em uma perspectiva de Supremacia Tática; a luta organizada por reparação aos familiares de vítimas do Estado (execuções sumárias e extrajudiciais) e a luta anti-prisonal Pan-Africanista. Diante desse cenário; de uma guerra racial de alta intensidade, cabe assumirmos com urgência os fins organizacionais do presente ensaio. Nosso objetivo tático primordial é revelar aspectos políticos-comunitários do processo de interiorização do Genocídio do Povo Negro, nas cidades do interior baiano, ressaltando como o padrão operacional bélico-militar das Polícias Especiais, tem colaborado para os altos índices de homicídios e desaparecimentos forçados de jovens homens negros na Bahia.

De fato, não há como negar, temos objetivos subterrâneos com a redação do presente texto. Dessa forma, cabe adiantar que o escrito que segue será direcionado, sobretudo, mas não somente, aos nossos militantes, articuladores, colaboradores, apoiadores, aliados táticos e estratégicos, além dos núcleos de familiares da Campanha Reaja ou Será Morta/o. Também cabe ressaltar que nosso método de análise é estritamente Intracomunitário; desconhecido e desprezado, contudo, alicerçado no

conjunto de nossas experiências organizacionais na guerra racial de alta intensidade na Bahia. Por fim, diante do histórico de violência policial dirigida contra nossa organização; por parte dos governos supremacistas brancos do PT nos últimos 10 anos, optamos por utilizar nomes fictícios nos depoimentos de vítimas e familiares do Estado, bem como para os articuladores da Campanha Reaja ou Será Morta/o que cederam depoimentos.

NA CAPITAL OU NO INTERIOR TÁ TUDO ESCALDADO: GUERRA RACIAL DE ALTA INTENSIDADE NA BAHIA

Há uma guerra racial de alta intensidade em curso no subterrâneo das cidades baianas, um conflito de alta intensidade do ponto de vista do arsenal empregado e racialmente estruturado, no tocante a quem está morrendo e quem está matando. Os números estatísticos mesmo subnotificados nos dão uma pequena radiografia do terror racial nas ruas; mais de 100 pessoas assassinadas em Salvador e região metropolitana (RMS) apenas nos primeiros 18 dias do ano de 2016. Quadro esse que se repete ano após ano na cidade túmulo, onde em janeiro de 2015 foram registrados 180 homicídios. Ou seja, até então o quantitativo de corpos negros abatidos nos primeiros dias do ano de 2016 é equivalente a 55% das ocorrências dos primeiros 31 dias do ano passado. Não é à toa que recentemente a Bahia tem várias cidades no ranking entre as mais violentas do mundo em 2015; Salvador que registrou 962 homicídios no ano passado, Vitória da Conquista com 100, Feira de Santana 190, Jequié 70, Itabuna 75 e o continuum genocídio prossegue interior adentro.

A guerra racial contra os negros na Bahia, que apenas nos últimos cinco anos abateu cerca de 25 mil pessoas, tem como principal arauto o secretário de segurança pública Maurício Telles Barbosa, que tem transformado a SSP-BA na mais poderosa engrenagem de manutenção e ramificação do Genocídio do Negro no Brasil, sob ordem é claro, dos comandantes máximos da matança; anteriormente o sionista Jacques Wagner (PT) e agora o governador das chacinas Rui Costa (PT).

Nos últimos 10 anos a SSP-BA, através do Programa Pacto Pela Vida tem sofisticado os dispositivos de terrorismo racial; aumento exponencial das tropas policiais nas comunidades negras; gratificação faroeste para os batalhões que mais matarem negros, criminalização lombrosiana de famílias negras, investimento em arsenal bélico altamente letal para que não tenha possibilidades de feridos ou sobreviventes na guerra em curso e, por fim, uma política de aliança com as linhas auxiliares da supremacia branca, que tem faturado muito dinheiro e cargos subalternos no governo supremacista branco do Partido dos Trabalhadores, às custas das vidas de

negros e negras assassinados todos os dias. Já não é nenhum segredo que o atual governo democrático popular petista tem sido uma poderosa força política supremacista branca, de perpetuação do continuum genocídio Contra o Povo Negro no Brasil. É nessa conjuntura política de terrorismo racial de Estado, que a Bahia alçou o quarto lugar no ranking nacional de homicídios por arma de fogo, registrando cerca de cinco mil no ano de 2012, sendo 1.499 apenas na capital baiana, dos quais, 1.020 eram jovens (Mapa da Violência 2015). Para se ter noção da dimensão do Holocausto Negro em curso, apenas entre os anos de 2014 e 2015 cerca de 11.906 baianos foram assassinados, jovens homens negros, vitimados por disparos de arma de fogo

A supremacia branca é insustentável e seus governos e linhas auxiliares estão fadados à ruína, deterioração e corrupção parlamentar como programa. Para aqueles que esqueceram foi esse mesmo governo que quase nos matou em 2012, quando junto com um grupo de familiares realizamos um protesto contra grupos de extermínio no Subúrbio Ferroviário de Salvador, na época dois jovens tinham sido assassinados; Alex e Luiz Henrique (Riquinho). O mesmo governo que alvejou a tiros Joquielson Batista e matou Visa atropelada por um caminhão. O mesmo governo que executou Ricardo Matos, Ênio Matos, Negro Blull, Bronka. O mesmo governo democrático-popular que levou a óbito Nego do MST, Juninho Lambão, Mutamba; tantos e tantos parceiros/as. Não há negociação entre hienas e leões; predadores caçam e os carneiros comem a carcaça apodrecida.

A PETO BATE ATÉ NAS TIA: MATANÇA E TERRORISMO POLICIAL NO INTERIOR DA BAHIA

O interior da Bahia é uma região quente e encharcada de sangue negro; uma terra hostil onde os negros são caçados, capturados e abatidos como cães. Entretanto, o que poucos sabem, ou fingem não saber, é da guerra racial subterrânea que acontece nas ruas e vielas da cidade, deflagrada pela polícia militar contra os moradores da periferia, sobretudo, jovens negros de idade entre 15 e 29 anos. Como na conjuntura nacional a justificativa é o combate ao tráfico de drogas. Nos últimos anos os índices de homicídios têm aumentado de maneira exponencial no interior da Bahia e atingido de sobremaneira os jovens homens negros.

Entretanto, os dados subnotificados da SSP-BA não dão conta de revelar as chamadas "cifras ocultas", que apesar de toda verborragia sociológica, para o que diz respeito a comunidade negra, se trata dos jovens negros executados sumariamente pela corporação policial, por grupos de extermínio e esquadrões da morte, ou os jovens negros sequestrados, torturados, e desovados em cemitérios

clandestinos. O interior da Bahia, diga-se de passagem, é um grande cemitério clandestino a céu aberto.

Apesar da SSP-BA não disponibilizar publicamente os dados sobre letalidade na ação policial, temos vivenciado e analisado como os altos índices de mortalidade juvenil por arma de fogo no interior da Bahia têm uma ligação umbilical com o fortalecimento institucional das Companhias Independentes de Policiamento Tático; notadamente, ao que diz respeito ao interior baiano, os batalhões especiais da Caatinga, Litoral Norte, Cerrado, Peto, dentre outros.

Nossos Núcleos avançados de Luta têm monitorado a exponencial ramificação e interiorização dos Pelotões de Emprego Tático; uma polícia historicamente conhecida por invadir casas sem mandado de busca, torturar jovens negros em viaturas, arremessa bombas e gás lacrimogênio dentro de casas, agredir. Uma polícia que tem sido a mola mestra na manutenção do status quo racial dos governos democráticos populares nos últimos 13 anos, seja sobre comando do sionista Jacques Wagner (PT) ou do nazista Rui Costa (PT). Repito; as chamadas Companhias Independentes tem ocupado um papel estratégico na estruturação e ramificação de um padrão operacional de Segurança Pública Genocida, que tem nas chacinas e massacres seu modus operandi primordial. Como relata um de nossos informantes ao descrever alguns aspectos sobre a recente montagem de um Batalhão da Rondesp na cidade de Feira de Santana/BA;

«Partindo de minha realidade no bairro que eu moro, que é o Feira X, já tenho 30 anos na quebrada. A Chegada da Rondesp nas periferias de Feira de Santana só faz ressaltar o real propósito da polícia nas periferias de todo Brasil. O que eu quero dizer com isso? A Rondesp é uma polícia que vai agir com muito mais rigor que a polícia militar comum, só que esse rigor ele tem requinte de crueldade entendeu? De chegar nos espaços e nem perguntar; atirar, chutar, cuspir, bater. Então a Rondesp vai vim com mais crueldade. E o saldo, ao contrário do que diz o secretário de segurança, o Coronel, do prefeito da cidade ou dos poderosos e empresários da cidade, o saldo pra gente vai ser sempre negativo.» João, barbeiro, jovem homem negro, morador do Feira X há 30 anos. Um dos 3 bairros onde mais se mata com arma de fogo na cidade.

Há uma atmosfera de medo e violência racial, nas periferias e zona rural do submundo do interior Baiano, onde os jovens homens negros são considerados pela corporação policial como inimigos internos a serem capturados, torturados e abatidos. Como relata um de nossos articuladores no interior da Bahia, apenas nos cinco primeiros meses do ano de 2015, sete jovens negros foram assassinados em operações policiais nas periferias de cachoeira, notadamente pela polícia militar, através de seu Pelotão de Emprego Tático Operacional (PETO). Esses números assombrosos de pelo menos 2 jovens negros mortos pela polícia a cada mês são fragmentos de uma realidade nacional, ou seja, o processo de Genocídio contra o Povo Negro no Brasil, especialmente em sua forma mais direta: a execução sistemática de jovens homens negros. Esse elevado índice de letalidade policial em uma cidade com pouco mais de trinta mil habitantes, acompanha os dados sobre ação policial letal a nível nacional. Se tomarmos como parâmetro os dados subnotificados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2013), apenas em 2012 ao menos cinco pessoas foram assinadas diariamente no Brasil vitimadas por operações policiais, ou seja, 1890 cidadãos tiveram suas vidas ceifadas por ações policiais civis e militares.

Ainda segundo esse documento, gerado pelo

próprio Estado Neocolonial brasileiro, a Bahia agrupa 344 homicídios cometidos por policiais em serviço, número esse que quase alcança o de óbitos cometidos por policiais em todo território nacional dos Estados Unidos, que no mesmo ano registrou 410 mortos em “confrontos” policiais. Desse modo a polícia baiana é a corporação policial que mais mata no mundo. Ainda utilizando dados subnotificados, mas agora do recém publicado Atlas da Violência (2016) uma pesquisa realizada pelo Lobby do IPEA, temos uma rasa dimensão do potencial bélico-letal da guerra racial de alta intensidade que a comunidade negra está inserida no Brasil. Guerra essa que nada mais é do que uma das expressões do conjunto de dispositivos anti-negros que constituem o Genocídio do Povo Negro no Brasil.

Pois bem, segundo o Atlas da Violência entre os anos de 2004 a 2014, o ocorreram pelo menos 20.418 mortes em confronto com policiais em serviço; agora tente somar esse dado subnotificados às “cifras ocultas” que falei anteriormente; mas ainda assim não é o trauma que vivemos. De fato, os dados são apenas números, tabulações e curvas de nível, não dão conta de dimensionar o terror racial nas ruas, muito menos o assombro que causam os miolos espalhados no asfalto, a dor dos ossos quebrados em torturas e da carne lacerada por disparos de arma de fogo.

Os dados não mensuram a neurose. Há também uma atmosfera de medo. O medo da morte prematura; de deitar na cova rasa, seja por bala ou pela maca. O medo de ser impedido de criar seu rebento; ou de nunca ter. O medo de não brincar com seus netos. O medo de nunca mais ver a pessoa que ama, de nunca mais sentir o cheiro dela ou de não sentir o peso de suas coxas sobre seu corpo. O medo de burlar a ordem natural das coisas e ser enterrado por sua mãe.

PAI FAZ, MÃE CRIA E A CAATINGA MATA: RAMIFICAÇÃO E INTERIORIZAÇÃO DO GENOCÍDIO NEGRO NA BAHIA

No interior da Bahia a ramificação operacional das Polícias Especiais tem servido como o principal dispositivo do Estado para interiorização de uma das formas diretas do Genocídio do Povo Negro no Brasil; as execuções sumárias e extrajudiciais de jovens homens negros cometidas por agentes do Estado em serviço. Ramificação essa alicerçada em uma centralidade estratégica no terrorismo de Estado a partir da ação letal da polícia militar. Vejam os depoimentos abaixo de jovens negros que monitoram a brutalidade policial e definem um pouco do perfil operacional das polícias especiais no interior da Bahia; o primeiro relatando a ação da PETO e o outro falando sobre o a atuação da CAATINGA no sul e Extremo sul.

«Ah véi, se eu falar tudo cê tá ligado como é, né? Muitas coisas a gente não fala. Até as tia tem medo de falar. Mas eu vejo bem como entra lá no gueto. Assim que elas aparece abre logo a porta da viatura e bala pra cima de quem tiver na rua. Outra coisa também que é algo subterrâneo que eles criaram né? De ficar tirando foto das pessoas. Tão pegando os preto, dando o baculejo, tirando foto e escondendo. Num sei pra que essas foto, não sei pra que eles tão mapeando essas pessoas. Então se acontecer de fato de eu ou alguém que eles tirou foto sumir, pode ter certeza, foi eles que fez sumir. É isso aí, o interior tá incrível a brutalidade policial. A PETO no interior tá com um lema “que o mandado é o coturno deles”, então em qualquer casa eles tão invadindo, eles mete bala e tão dizendo que é troca de tiro por ai tá entendendo? História distorcidas. E aniquilando os filho das tias e quando as tias vai e grita na cara deles que eles são assassinos, eles bate, ameaça, ta entendendo?» Paulo, jovem homem negro, estudante e morador da região do Recôncavo da Bahia

«É sim. O surgimento das Policiais especiais foi aqui mesmo no interior né? No sul na costa do cacau e na costa do dendê. Então surgiu pra combater o que eles chamam de “crime” no campo. Então ai que surge a CAATINGA, CAAERC, CAEMA e outras até. Eles são conhecidos pela forma da truculência, pelo critério de matar as pessoas, de sumir com as pessoas; dar sumiço mesmo. Todo mundo já tem esse temor, quando eles tão na cidade já sabe que vai haver alguma operação de morte, troca de tiros, perseguição. Eles só atuam dessa forma. Eles são conhecidos por serem matadores mesmo e eles gostam de ter essa fama.» Lucio, jovem homem negro, educador comunitário e morador do Extremo sul da Bahia

Os depoimentos acima, para além de situar as manobras do terrorismo racial e brutalidade na Bahia, nos dão conta de entender como as forças de repressão racial do Estado são estratégicas para ramificação de uma das formas diretas do Genocídio do Povo Negro no Brasil; o assassinato sistemático de jovens negros/as em idade produtiva cometido por agentes do Estado. A violência policial está mergulhada dentro de um contexto muito amplo de opressões que afligem nosso povo. A violência racial praticada pelas forças de repressão do Estado não está dissociada das desigualdades estruturais e históricas que nossa comunidade está sujeitada. A polícia executa nossa juventude, brutaliza nossos corpos, militariza nossas comunidades, destrói nossos focos de resistência, nos expulsa de nossas casas, encarceram-nos em presídios, aterrorizam nossos bairros e farão de tudo para nos destruir ou nos manter no torpor do medo.

Nesse contexto, temos que encarar o monitoramento comunitário e a luta contra brutalidade policial como ponto nevrálgico, onde através de uma perspectiva organizacional de Supremacia Tática, articulemos o enfrentamento a brutalidade policial, a assessoria jurídica a familiares e vítimas do Estado e a construção de programas de Serviços Comunitários que tragam autonomia política e plena justiça social para nossas comunidades.

A Campanha Reaja ou Será Morta/o começou sua trajetória organizativa assumindo a tarefa de lutar por justiça e memória dos corpos negros que estão tomando papoco na cara; que é a marca dos bota preta; nas ruas sangrentas da Bahia. Dez anos depois, somos uma organização comunitária negra inserida na luta transnacional contra o racismo, o neocolonialismo e o genocídio. Estamos organizando um movimento intracomunitário radical negro, centrado em uma ação coordenada de programas de serviços comunitários, em favelas, cadeias, ocupações e quilombos.

Temos sido fortes, inquebrantáveis, sobrevivendo a vinganças destrutivas; por mais doces e delicadas que aparentam ser para um observador despercebido. Temos sido agressivos no tom que damos a luta e já não é segredo que buscamos consolidar uma perspectiva de luta política racial alicerçada na teoria militar Pan-africanista. Muitos de nós estamos feridos, andando com hematomas e feridas em casca; sabemos o preço das cicatrizes físicas, emocionais, psicológicas e afetivas que estamos acumulando. Dívidas e corações arrasados. Definitivamente não escolhemos o que nos cura e confesso que tem sido de nossa natureza conviver com tramas, traumas e dilemas. Tudo tem sido muito difícil; como nunca antes confesso; as dores nos braços, o torpor do abismo, as neuroses e pesadelos constantes. Mas como já disse o coroa; “não preciso ouvir que sou forte para prosseguir”.

A IMPORTÂNCIA DE ASSATA SHAKUR POR CHRISTEN SMITH, EUA

“Meu nome é Assata Shakur, e eu sou uma escrava fugida do século XX.” Assim começa a carta aberta da mulher negra, militante, revolucionária – Assata Shakur. Ela virou lenda em 1979 quando escapou da penitenciária Clinton Correctional Facility nos EUA. Em 1984 ele se exilou na Cuba. Uma integrante do Exército Negro da Libertação dos EUA (Black Liberation Army, BLA), ela foi presa em 1973 quando foi acusada de matar um policial branco (Werner Foerster) num confronto entre membros do BLA e policiais no New Jersey Turnpike. Apesar das acusações do governo americano, Assata Shakur mantém a sua inocência. Mesmo assim, em 2013, ela foi a primeira mulher a ser colocada na lista dos terroristas mais procurados do mundo pelo FBI. Mas por que uma mulher negra, avó, com 68 anos é considerada uma das pessoas mais perigosas do mundo, segundo os Estados Unidos? Para entender essa loucura imperialista, precisamos reconhecer o poder simbólico político de Assata Shakur. Ela não é simplesmente uma representação do legado do movimento negro militante dos EUA. Ela também é a manifestação da fraqueza do sistema misógino, imperialista e anti-negro da supremacia branca nas Américas. Ou seja, se a nação estadunidense é ameaçada por uma avó negra, a negritude radical feminina é uma das forças políticas mais poderosas do mundo.

Em 1998 ela escreveu uma carta aberta para o Papa João Paulo II, denunciando as ameaças contra a vida dela.

A carta conta sua história, sua perspectiva política e sua identidade como ex-presa política. Mas além de contar a sua história, a carta também conta a história do povo negro nas Américas. A carta foi escrita em 1998, 18 anos atrás, da perspectiva de uma mulher negra estadunidense, mas podia muito bem ser as palavras de uma mulher negra vivendo no Brasil hoje. Por que? Porque Assata Shakur critica um sistema de poder imperialista, anti-negro, patriarcal que vai além da experiência dos EUA. Através da visão desta mulher negra revolucionária, podemos entender e criticar um sistema de opressão que afeta todos nós morando sob o legado da escravidão. Ela nos dá o vocabulário para definir e articular a nossa dor coletiva. E a melhor maneira de entender e aprender esta perspectiva é através das suas próprias palavras. Seguem excertos dessa carta traduzida para português:

«Meu nome é Assata Shakur e eu sou uma escrava fugida do século XX. Por causa da perseguição do governo, precisei fugir da perseguição política, do racismo e da violência que dominam as políticas públicas do governo americano direcionadas para as pessoas não brancas. Eu fui uma prisioneira política, e moro na Cuba no exílio desde 1984.

Tenho sido uma militante toda a minha vida, e por mais que o governo americano tenta me criminalizar, não sou uma criminosa, e nunca fui. Nos anos 60 participei em várias lutas: a luta pela liberação negra (Black Liberation

Movement), o movimento dos estudantes, e o movimento contra a guerra de Vietnã. Entrei no Partido das Panteras Negras. Até 1969, os Panteras Negras se tornou a organização mais procurada pela programa COINTELPRO do FBI. J. Edgar Hoover uma vez falou que as Panteras Negras eram “a maior ameaça á segurança interna do país” porque a organização exigiu a libertação total do povo negro. Ele também jurou que iria destruir a organização, seus líderes e militantes.

Em 1978 meu caso foi um de vários apresentado para o ONU numa petição feita pelo Congresso Nacional de Advogados Negros, Aliança Nacional Contra Racismo e Repressão Política, e a Comissão para Justiça Racial da Igreja Unitária de Cristo. Esse ato revelou a existência de prisioneiros políticos nos EUA, a perseguição política desses prisioneiros e o tratamento cruel e desumano que eles recebem nas prisões dos EUA...

Eles me chamam de “a mulher mais procurada” na América. Eu acho isso irônico. Nunca me senti muito “procurada” antes. No setor de trabalho, nunca fui a mais procurada. Quando falaram de oportunidades econômicas, nunca fui “a mais procurada.” Quando falaram em moradia decente, nunca fui “a mais procurada.” Parece que o único momento que o povo negro está na lista dos “mais procurados” é quando eles querem nos colocar na prisão.» (leia completa em bit.ly/CartaAssata)



CARTA DO COMPLEXO INDUSTRIAL PRISIONAL POR ASSATA SHAKUR

Saudações Irmãs, Irmãos, Camaradas,

Nunca na nossa história a resistência crítica ao status quo foi tão importante. O crescimento do Complexo Industrial Prisional tem sido espantosamente rápido e a repressão crescente que o tem acompanhado é totalmente alarmante. Que futuro nos espera? Quais são as implicações para as nossas crianças?

Aqueles que são alvejados enquanto vítimas do Complexo Industrial Prisional são principalmente pessoas de cor. Estes são nativos americanos, africanos, asiáticos e latinos que vieram de sociedades onde não havia prisões e onde prisões era um conceito desconhecido. As prisões foram introduzidas na África, nas Américas, Ásia como subprodutos da escravidão e do colonialismo, e elas continuam a ser instrumentos de exploração e opressão. No coração dos impérios imperialistas, prisões também significavam opressão. As prisões da Europa estavam tão lotadas que os prisioneiros europeus foram enviados para as colônias e encorajados a escravizar e colonizar outros povos. Na Inglaterra, durante o chamado período de expansão, não houve nenhuma prisão dos devedores para com os pobres, mas mais de 200 crimes eram punidos com a morte. Durante a revolução francesa, a invasão e a destruição da Prisão de Bastilha se tornou um símbolo para a libertação de toda a Europa. E hoje, aqueles de nós cujos antepassados foram presos em fortes de Escravos como Elmina, ou Ilha de Goréia agora se encontram aprisionados em locais como Elmira, Rikers Island, Terminal Island, Marion ou Florence. As prisões que estão sendo construídas nos Estados Unidos hoje são mais sofisticadas que os campos de concentração como Auschwitz ou Dachau, mas elas servem ao mesmo propósito. Os lucros das indústrias prisionais, e o trabalho escravo prisional está ultrapassando os níveis de super-exploração do trabalho forçado nos campos de concentração nazistas.

O Complexo Industrial Prisional não é somente um mecanismo para converter o dinheiro Público dos impostos em lucros para as corporações privadas, ele é

um elemento essencial do capitalismo neoliberal moderno. Ele serve a dois propósitos. Um é neutralizar e conter enormes segmentos dos setores potencialmente rebeldes da população e o segundo é sustentar um sistema de super-exploração onde principalmente pretos e latinos cativos são aprisionados em comunidades rurais brancas, comunidades dos feitores. Pessoas de cor são alvos fáceis. Nossa criminalização e vilanização é uma tradição americana. A imagem do selvagem sujopreguiçoso-indolente, negrinhos atrasados-bons-paranada têm sido o esteio da cultura e ideologia racistas que dominam a política dos EUA. Um dos princípios básicos daquela revolução era que somente homens ricos brancos tinham o direito de ter uma revolução, qualquer outro que lute por uma é um terrorista ou um subversivo. A verdade da questão é que as pessoas oprimidas têm e sempre tiveram o grande problema de serem ultrajadas com uma tributação sem representação.

Repreensão, tortura e espancamentos são tão comuns nas prisões dos EUA hoje tanto quanto eram nas plantações escravagistas. E prisioneiros políticos suportam o peso dessa brutalidade sistemática. Aqueles que lutam contra a opressão, e não aqueles que a perpetua, são jogados em masmorras. A tortura prolongada do confinamento na solitária tem sido usada, não somente como uma arma contra dissidentes políticos, mas como uma arma contra qualquer um que proteste contra qualquer uma das injustiças desse sistema. Como você pode lutar contra a injustiça sem exigir a libertação dos presos políticos?

Infelizmente, há mais jovens atrás das grades nos quais foram encucados e eles estão reproduzindo os valores deste sistema capitalista decadente, do que jovens que estão lutando conscientemente para muda-lo. Durante os anos 60, quando o movimento estava no auge, a população prisional era somente uma fração do que é hoje. Aqueles que institucionalizaram o rapto de africanos, aqueles que orquestraram o genocídio contra os americanos nativos, aqueles que saquearam os tesouros do mundo e que são responsáveis pelos crimes

mais hediondos do planeta querem nos pregar a lei e a ordem. Aqueles que lucram com a miséria humana e nos negam educação, ação afirmativa, cuidados de saúde, moradia decente, querem nos dar lições de moralidade. Muitos de nós assistimos impotentemente, enquanto nossas crianças imitam e internalizam a ganância, ostentação, cultura do consumo conspícuo, praticadas por aqueles que nos oprimem. Nós assistimos às mesmas pessoas que importam drogas para o país, que as distribuem em nossas comunidades, travarem uma guerra contra nós com nome de guerra às drogas.

O Complexo Industrial Prisional não é uma distorção do capitalismo global moderno. É uma parte e uma parcela desse sistema. Não é suficiente lutar contra o Complexo Industrial Prisional; nós temos que lutar contra a ideologia que o promove. Os seres humanos são seres sociais e têm a necessidade básica de viver em comunidades nutrizas em vez de comunidades hostis. As pessoas desse planeta têm um potencial infinito de contribuir para esse planeta e é um crime nos impedirem de fazê-lo. Os seres humanos que vivem nesse planeta têm uma habilidade ilimitada de aprender, crescer, mudar, ser generosos, inventar e compartilhar. É um crime impedir pessoas jovens de desenvolverem seus talentos. É um crime deixar valores individualistas destruírem o bem coletivo. Para aqueles que governam este planeta, nós somos todos descartáveis. Nosso único valor para eles é a riqueza que nós somos capazes de produzir. É um sistema sem compaixão, sem amor, e sem fé. [...]

O Complexo Industrial Prisional não destrói somente indivíduos; ele destrói famílias e comunidades. Se nós não o destruímos, ele irá nos destruir. Exorto-os a fazer tudo o que vocês puderem para quebrar essas correntes.

Libertem Todos Os Prisioneiros Políticos!

Libertem Mumia Abu Jamal!

25 de setembro de 1998

Havana, Cuba

Tradução por Gilza Marques

POR LENA AZEVEDO, DA JUSTIÇA GLOBAL

ABOLIR AS GRADES

SOBRE A AUDIÊNCIA PÚBLICA DA ASFAP-BA

Em audiência pública sobre o sistema prisional da Bahia, realizada em 9 de maio, na sede da Ordem dos Advogados (OAB-BA), relatos de dor e limitações extremas às pessoas privadas de liberdade e seus familiares. Os tentáculos das prisões se avolumam a cada dia. É como uma sombra gigantesca a envolver e aprisionar também para além das grades.

As formas de dominação, submissão e morte do corpo negro passam pela invisibilidade, a manutenção de um lugar de precariedade de vida e também pelo aprisionamento. Em “Necropolítica”, Achille Mbembe lembra que “eles são observados sob a perspectiva da escravidão, ou de ocupação colonial. Morte e liberdade são irrevogavelmente ligadas. Como temos visto, o terror é uma característica que define tanto estados escravistas, como regimes coloniais contemporâneos.”

A audiência foi organizada pela Associação de Familiares e Amigos de Prisioneiros e Prisioneiras do Estado da Bahia (ASFAP-BA) e a Campanha Reaja ou Será Morta/o, em função do excesso de regras, a maioria irregulares do ponto de vista legal, estabelecidas pelas unidades direções de unidades prisionais no final de março.

Em 30 de março deste ano, os diretores de presídios da Bahia impuseram uma série de restrições aos presos e visitantes. No dia seguinte à proibição de entrega de mantimentos e materiais de higiene aos detentos, as visitas realizaram protestos em frente às unidades prisionais e se uniram para cobrar das autoridades baianas tratamento digno aos presos. A organização dos familiares resultou na organização da audiência pública, que lotou o auditório da OAB e demonstrou a força da resistência dos familiares.

Nos últimos anos, a Bahia prendeu o dobro da média nacional. Aumentou sua população carcerária, entre 2005 e 2014, em 116% contra a média brasileira, que foi de 66% no mesmo período. Agrava ainda a situação, o fato de o estado ter o segundo maior número de presos provisórios do Brasil (62%), perdendo apenas para o Piauí (68%), que tem apenas um contingente carcerário infinitamente menor (3.270 detentos contra 14.397).

À superlotação se acrescentam ainda situações degradantes, como a infraestrutura precária das unidades (mais da metade com mais de 10 anos de construção), infestação de ratos e baratas, alimentação insuficiente e de péssima qualidade — são oferecidos apenas café com pão seco pela manhã e às 16h e um almoço que só dá para comer o arroz. Foi comum ouvir dos parentes na audiência que as carnes servidas são cruas e com vermes. Se antes essa situação era amenizada com mantimentos levados pela família em dias de visita, agora nem isso. “Eles (presos) estão passando fome e emagrecendo. Antes, a gente podia levar arroz, óleo, outras coisas que matavam a fome de nossos maridos e filhos. Desde o

final de março, só deixam entrar três pacotes de biscoito, uma garrafa de suco, ou refrigerante, e duas garrafas de água por semana, uma carteira de cigarros, dois rolos de papel higiênico de 15 em 15 dias”, contou uma jovem que visita o companheiro no Presídio Lemos de Brito.

Também em relação à alimentação, anteriormente familiares podiam levar comidas prontas para consumirem no dia de visita com os detentos. As direções de unidades e agentes estabeleceram que só entra uma vasilha de sorvete, com no máximo um quilo de alimento. “Na revista, jogam fora nossa comida, ou nos obrigam a colocar num saco plástico, tudo misturado. Nos tratam como bichos e mesmo o que entra, não é suficiente para o almoço com nossos maridos e filhos”, reclamou uma parente. “Como eu vou comer e deixar ele (preso) com fome, ainda mais sabendo de toda a situação lá dentro?”

A preocupação dos familiares e de defensores de direitos humanos é com a saúde dos detentos, que recebem uma refeição contaminada, aliada ao baixo consumo de água por pessoa. Atualmente, no sistema prisional da Bahia, os presos só podem receber das famílias dois litros por semana, que deveria ser a quantidade de um dia, segundo recomendado pela Organização Mundial da Saúde. A insuficiência de líquido pode acarretar uma desidratação grave e sequelas renais, além de outros complicadores, dependendo da situação física do encarcerado.

A Lei de Execução Penal (LEP), número 7210/1984, em seu Capítulo II, diz que “a assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, que deve prover (Art. 10) assistência material, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa. E mais, no Art. 12, a LEP especifica que “a assistência consistirá no fornecimento de alimentação, vestuário e instalações higiênicas”. Conforme entendimento legal, as unidades devem dispor de “instalações e serviços que atendam aos presos nas suas necessidades pessoais, além de locais destinados à venda de produtos e objetos permitidos e não fornecidos pela Administração” (Art. 13).

Também desrespeita a LEP a falta de atendimento à saúde, a convivência de presos com doenças infecto-contagiosas na mesma cela que outros. Os parentes também foram proibidos de levar medicamentos (até os mais comuns). Adoçantes para diabéticos e mesmo remédios para dor, só com receita médica, algo que não é exigido para a população comum.

As torturas também permanecem em todas as unidades. No Presídio Lemos de Brito, em Salvador, no início de abril, detentos foram atacados por policiais militares dentro das celas com bombas de gás, spray de pimenta e balas de borracha. Em Feira de Santana, um rapaz foi mantido nu, no sol, durante quatro horas, com os braços e pernas abertas. Depois do episódio, teve dores insuportáveis na clavícula e nos ouvidos,

por ter sido espancado. Ainda assim, não foi levado para atendimento médico.

Os parentes dos apenados relataram ainda a utilização da revista vexatória nos dias de visita. Mesmo proibida por lei (13.271/2016), sancionada por Dilma Rousseff em abril deste ano, agentes penitenciários da Bahia continuam se utilizando do expediente. “Antes, a gente sentava num banquinho e elas (servidoras das unidades) passavam o detector de metal, mas a partir de janeiro, começaram a exigir que tirássemos a roupa. No Presídio de Salvador, elas colocam as mulheres de quatro e usam uma lanterna para iluminar as partes íntimas. Muitas saem da sala com sangramento, mas o pior é quando as agentes dizem que não estão 'enxergando' nada, tomam a carteirinha das pessoas e falam pra elas voltarem no outro final de semana e conversar com o diretor”, conta uma das visitantes.

A estrutura das instalações e o tratamento das funcionárias de presídios são considerados humilhantes pelas famílias. Normalmente, as visitas chegam às 4h30 e ficam na fila aguardando serem chamadas. Expostas ao tempo, já que a abertura dos portões só acontece às 8 horas, as mulheres tomam chuva e permanecem encharcadas durante todo o dia. E ainda são obrigadas a ouvir comentários preconceituosos das agentes, do tipo: “quer visitar bandido, fica na chuva”. Há ainda uma morosidade dissimulada na revista. “Entramos na revista às 8 horas e elas ficam demorando de propósito, vendo whatsapp, conversando com as colegas, tudo para atrasar. Tem vezes que a gente fica quatro horas esperando e entra lá pelo meio dia para visitar nossos maridos ou filhos”, ressaltou uma das mulheres na audiência pública.

Nem crianças têm sido respeitadas nas unidades prisionais. É comum, conforme relataram na audiência, submeterem meninas e meninos à revista íntima e forçarem bebês a ficarem nus durante toda a visita. “Eles tiram todas as fraldas, a roupa dos bebês e dizem que só entra se for pelado”.

Outra ilegalidade apontada pelos familiares é a proibição de visitas de crianças e adolescentes aos pais que estão presos, ou restrição de uma visita por mês. Bom ressaltar que a Lei 12.962, sancionada em abril de 2014, garante a convivência de crianças e adolescentes com os pais que estão presos.

O major Júlio César Ferreira dos Santos, Superintendente de Gestão Prisional (Seap), durante a audiência alegou que não havia determinação de corte de produtos levados pela família e que os diretores interpretaram errado “um debate que ainda era interno na secretaria”. O major saiu devendo uma explicação convincente, mas se comprometeu em manter reuniões frequentes com os familiares para acertar a situação e antes mesmo do primeiro encontro, marcado para 23 de maio, afirmou que iria suspender as proibições nas cadeias e presídios.



ASSATA SHAKUR

JORNAL DA **CAMPANHA REAJA OU SERÁ MORTA, REAJA OU SERÁ MORTO**
NÚMERO 01, JUNHO DE 2016

EQUIPE EDITORIAL: HAMILTON BORGES, JAMILE SALES E LUIZ GABRIEL

TEXTOS: ASSATA SHAKUR, GILZA MARQUES, ANDREIA BEATRIZ, HAMILTON BORGES, GABRIEL SWAHILI, CHRISTEN SMITH E AGANJU SHAKUR

FOTOS: LÉO ORNELAS, MARCUS MUSSE, ALEX HERCOG E INTERNET

REVISÃO: CARLA DAMEANE E LUIZ GABRIEL

PROJETO GRÁFICO: GATO PRETO COMUNICAÇÃO MILITANTE

TIRAGEM: 3.000 EXEMPLARES

AS PRISÕES DERAM CERTO PARA UM PROJETO DE SOCIEDADE RACISTA **POR** ANDREIA BEATRIZ

As prisões tem sido instrumentos utilizados pela supremacia branca e levado a degradação, tortura, morte física, depauperamento moral, emocional e anulação política do povo negro. As grades enferrujadas, os muros altos isolando as pessoas presas do mundo, o chão sem vida em concreto, o odor de um ambiente que revela o abandono monitorado e lucrativo. Com sorte, em um dia de sol, tem-se um pouco de esperança. Mas nos dias de chuva e frio, na prisão, a realidade penetra com mais vigor e ocupa todos os órgãos dos sentidos: olfato, visão, audição, tato e gosto ficam impregnados por uma ausência do direito de ser percebida em corpos negros que perambulam a espera do tempo de liberdade confinados em espaços desestruturados propositadamente. A rotina do não reconhecimento de algum nível mínimo de humanidade extensivo aos familiares e amigos de negros e negras encarcerados, a naturalização da destruição humana, numa dinâmica que tem vida própria e se fortalece, com a seletividade do sistema de justiça criminal, o superencarceramento aliado ao encarceramento desproporcional de negros, a superlotação das unidades prisionais e a importante contribuição dos meios de comunicação e os programas sensacionalistas de TV que defendem diariamente as prisões como instrumento de justiça. Estes e muitos outros são elementos que compõe o cenário de um processo onde corpos e mentes negras são fermento para a ampliação de um negócio muito vantajoso. Não vantajoso pra nós, povo negro. Não há glamour em prisões. Há muito tempo temos visto nosso povo privado de liberdade. Há muitas gerações temos muitas das nossas sendo conduzidas às cadeias das mais diversas formas, por prisão ou por extensão da prisão.

Conhecemos de perto o fenômeno da transinstitucionalização que nos coloca, povo negro, desde cedo em contato com instituições para jovens e depois para adultos. Todas são prisões. Em nada estas instituições abalam as estruturas sólidas de um sociedade racista que nos controla com princípios e práticas de destruição de identidade. Mas em muito este instrumento da supremacia branca promove o nosso

genocídio. As prisões tem íntima relação com o processo de escravização e os espaços segregados que nos são impostos, que nos restringem os direitos, e cuja dinâmica se orienta por quatro características principais: coação, cerceamento físico e paralelismo, estigma e isolamento organizacionais. Assim funcionam estas instituições. Assim interferem em nossa caminhada, em nosso processo de resistência e organização. Por esta razão a Campanha Reaja ou Será Morta/o, conta com irmãos e irmãs privados de liberdade no combate ao genocídio do povo negro.

Por esta razão, a prisão é um local até onde levamos a ideia e a prática de um projeto coletivo de resistência do povo negro. E discutimos o significado da prisão para o povo negro. E o significado da prisão num projeto de sociedade racista. Estamos lá por que nossas irmãs e irmãos estão lá. Por que militantes da Quilombo Xis - Ação Cultural Comunitária e da Campanha Reaja estão lá e é necessário que nos unamos, fortaleçamos para o projeto coletivo do povo negro. Por que somos maioria naquele locus. Somos sobrerrepresentados na prisão em flagrante; somos sobrerrepresentados quando há o cumprimento da pena, mas não existem números sobre nossa trajetória depois do encarceramento. Números que não interessam. Podem revelar o segredo, o sucesso das prisões. Revelam o lucro das prisões. Imagine 600 mil pessoas presas, o equivalente a população aproximada de cidades como Feira de Santana/Bahia, Ribeirão Preto/São Paulo ou países como Suriname ou Cabo Verde. Imagine a venda de alimentação, vestuário, material de higiene, os mais variados insumos. Na prática do sistema prisional brasileiro, este proveito é o lucro derivado da "pseudo-alimentação" comprada pelos gestores estaduais em parcerias históricas do setor privado com o estado ("negócio da china"), para serem servidos às pessoas privadas de liberdade, como apontado em matéria da revista Carta Capital:

"Grades de ferro, muros de cimento e cercas de arame farpado mantêm longe da visão dos brasileiros um negócio da China para políticos e empresários: o fornecimento de marmitas para a maioria dos 550 mil

presos no País, que possui hoje a quarta maior população carcerária do mundo. Uma parte das empresas contratadas nem sequer paga funcionários, pois os presos trabalham na cozinha dos presídios, mas cobra do poder público pelas refeições fornecidas preços até duas vezes superiores aos praticados do lado de fora. Para quem simpatiza com a tese de que os detentos não merecem ser bem tratados, há outro dado: esse sistema ineficiente e corrupto consome, no mínimo, 2 bilhões de reais por ano em impostos." (ver em bit.ly/MercadoresDasCadeias)

A rotina das prisões revela uma dinâmica própria de funcionamento que envolve o Estado, negação da humanidade, ausência de justiça, exploração e tortura de corpos e mentes negras: e lucro.

Dados do Conselho Nacional de Justiça, o CNJ, apontam para uma população prisional de mais de 700 mil pessoas, incluindo aí os presos em domicílio. A maioria desta população, como de conhecimento amplo, é de homens negros jovens, com baixa escolaridade. Um homem negro tem 1,5 vezes maior chance de ser preso do que um homem branco. Em cada 100 mil homens brancos, 191 estavam presos em 2012, enquanto que de cada 100 mil homens negros, 292 estavam presos, de acordo com o mapa do encarceramento, lançado em 2015. Os dados são importantes, pois conhecer os perfis, quantas pessoas estão encarceradas e como as pessoas estão privadas de liberdade, em tese possibilita aos gestores que são os responsáveis pela formulação de políticas públicas, a implantar e implementar ações que se façam necessárias para garantir que todas as pessoas tenham acesso aos bens públicos, a exemplo de educação, saúde, cultura, moradia, alimentação, mas sobretudo combater as desigualdades. Mas já sabemos que políticas públicas tem sido "placebo" para nosso povo, como nos ensina Hamilton Borges. Estamos falando de direitos básicos, como água potável, saneamento básico, ambiente salubre. Mas estamos lutando pelo direito a vida. Os números, os dados, são importantes: geram cifras, lucro. É disto que se trata o empreendimento carcerário. As prisões deram certo para a supremacia branca, deram certo.

**LIBERTEM
RAFAEL
BRAGA**

**TUDO PRESO PRETO
É UM PRESO POLITICO**

